

*A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*  
de Hans Robert Jauss, Editora Ática - série Temas, volume 36,  
São Paulo, 1994.

**Maria José Angeli de Paula**  
*Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC*

Em 1967, Hans Robert Jauss ministra a aula inaugural da Universidade de Costância com a palestra : “O que é e com que fim se estuda história da literatura?”. Esta palestra, que acabou transformando Jauss no “pai da teoria da recepção”, é agora publicada em tradução de Sérgio Tellaroli no livro *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*.

Não é esta a primeira tradução da palestra em português. Em Portugal, no ano de 1974, a Editora Porto publicou-a no livro *História Literária como Desafio à Ciência Literária. Literatura Medieval e Teoria dos Gêneros*. Não se pode dizer tampouco que a teoria da “estética da recepção” nos seja totalmente desconhecida. Como exemplo, podemos recordar *A Literatura e o Leitor* de Luiz Costa Lima, lançado em 1979, que expõe uma coletânea de artigos do que posteriormente se denominou o grupo da Escola de Constância ( Jauss, Iser, Stierle e Grumbrecht), ou, ainda, *Estética da Recepção e História da Literatura* de Regina Zilberman, que, além de organizar didaticamente uma interessante exposição dos conceitos e idéas sobre a estética da recepção, apresenta também uma análise do romance *Helena*, de Machado de Assis, seguindo a metodologia proposta por Jauss.

Na introdução da palestra, Jauss preocupava-se principalmente em constatar, através dos métodos da história da literatura da época, como esta se apresentava para os seus prováveis leitores. Frente aos modelos existentes, Jauss não visualizava uma “verdadeira” história da literatura que conjugasse tanto a historicidade das obras quanto as suas qualidades estéticas, sem deixar que uma sobrepujasse a outra ou a suprimisse.

Dos dois modelos analisados por Jauss, o primeiro, apresentava-se através da organização do material literário, segundo tendências gerais, gêneros e “outras categorias”, não conseguindo, entretanto, distanciar-se de uma enumeração cronológica. Seu uso dirigia-se principalmente para as literaturas moderna e contemporânea. O segundo, mais utilizado para os autores da Antiguidade Clássica, valorizava o esquema “vida e obra”, ordenando-os numa sucessão temporal.

Estas duas maneiras de se conceber a história da literatura, práticas possíveis e correntes da época, são o ponto de partida de toda a argumentação de Jauss, servindo também como o primeiro e principal alvo de suas críticas. Estas dirigem-se também para a filosofia da história do século XIX, para o positivismo e sua influência nas histórias da literatura, com o conceito de “progresso”, assim como para o idealismo da estética de Benedetto Croce. Ressaltando as falhas de cada corrente, Jauss conduz sua crítica para a sociologia da literatura e para o método imanentista, sucessores do positivismo e do idealismo. Segundo ele, estes métodos de análise literária aprofundam o abismo entre a história e a literatura.

É na tentativa de transpor este abismo que o autor dirige suas atenções para outros métodos, dialogando com duas correntes literárias, o marxismo e o formalismo, enquanto escolas antagônicas. Ambas, porém, revelam-se insuficientes para Jauss, para abarcar o desafio de compor uma história da literatura. O autor formula, então, sua proposta, a partir de uma carência observada nestes dois espaços críticos: para ele, a história da literatura deve levar em conta os critérios de recepção, do efeito produzido pela obra nos leitores, meta principal daquele que produz a obra e da obra em si.

Jauss formula então um novo conceito de leitor. Este estava ausente do formalismo, que, acreditando na literariedade do texto, postulava sua autosuficiência textual frente a sucessão temporal. Estava também ausente do marxismo, que o transformava (assim como o autor) numa classe social. Em Jauss, o leitor e sua experiência estética assumem uma nova posição, e esta é nitidamente privilegiada.

Tal posição teórica implica, porém, discutir como se poderia fundamentar metodologicamente e reescrever a história da literatura. Jauss o faz através da exposição de sete teses, argumentando em favor da sua “estética da recepção” por meio de exemplos e expondo didaticamente toda a sua teoria. Entretanto, pode-se principalmente ler, além dos princípios teóricos, uma nova ciência literária que se arquiteta.

As quatro primeiras teses apresentam os princípios que servem de base a seu raciocínio, e as três últimas expõem a metodologia a ser seguida. É importante retirar dos fundamentos teóricos as noções específicas de “leitor” e de sua “experiência estética”, noções centrais da palestra e presentes na primeira e na segunda tese. Os conceitos e a metodologia expressos nas outras teses caminham sempre para reforçar esta teoria sobre a leitura.

Na primeira tese, Jauss propõe como primeiro passo para a renovação das histórias da literatura repensar o papel que o historiador assume, privilegiando sua primeira função quando tenciona escrever: o papel

de leitor. Toda a essência da estética da recepção baseia-se, principalmente, nesta figura que ficou posta de lado em outras teorias.

Na segunda tese, Jauss argumenta em favor da experiência estética do leitor. Esta pode ser traduzida como o resultado da interação obra-leitor. Ao indicar o leitor e a recepção como principal foco a ser analisado, Jauss inverte o processo de análise da obra artística, normalmente feita através do autor e de sua produção. A leitura pode influenciar na produção de outras obras, não passando somente pela questão do bom-gosto, mas de uma forma crítica e criadora. Como exemplo desta tese, Jauss cita D. Quixote e os romances de cavalaria que, ao mesmo tempo em que servem de base e de inspiração, servem também como material criativo para a crítica feroz de Cervantes.

A terceira e a quarta teses trabalham com o conceito de horizonte de expectativa. Jauss acredita que é através deste conceito que se pode determinar o caráter artístico da obra em análise: “a distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária”.

É também importante rever a metodologia proposta por Jauss, contida nas três últimas teses. Para explicitar como se efetua uma história da literatura, do ponto de vista da recepção, o autor propõe sua execução através de três formas conjuntas: a diacrônica, a sincrônica e o relacionamento entre a vida prática e a literatura.

O livro apresenta também um anexo, colocado depois das notas da palestra. Este reproduz uma entrevista de Jauss ao jornal alemão *Frankfurter Allgemeine*, publicada em agosto de 1987, onde o autor discorre sobre a evolução e as conseqüências da palestra. É uma leitura estimulante, pois, através dela, podemos ler (ou reler) os fundamentos básicos da “estética da recepção”, além de resgatar todo o seu caráter inaugural e polêmico. Sua importância não se deve somente ao fato de ter iniciado uma outra maneira de se pensar como fazer uma história da literatura, mas também como essa “nova” maneira, passados trinta anos do ataque inicial, firma-se como um paradigma frente a outras importantes correntes da teoria e da análise da literatura.